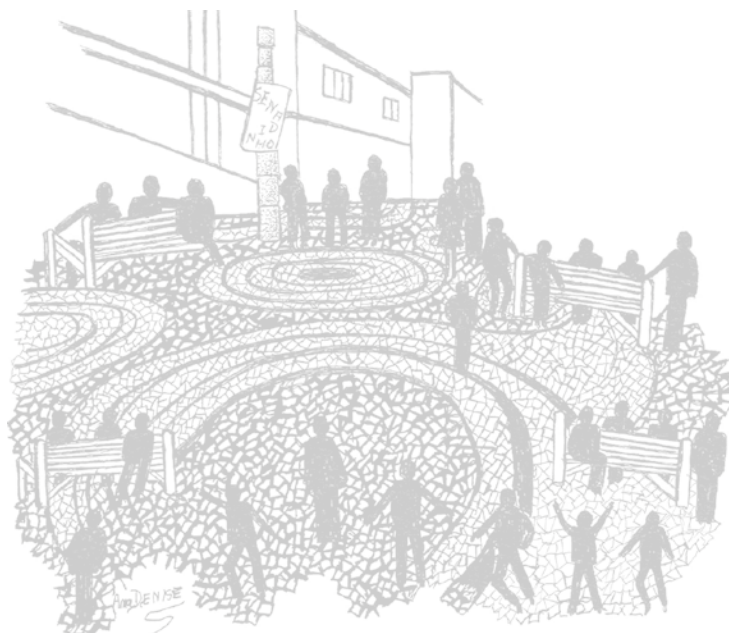




Contos

QUE A VIDA CONTA

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração
ArtNer Comunicação

Diagramação
Joselito Miranda

Ilustração da Capa
Ana Denise Rocha Souza

Revisão de texto
Profa. Maria Augusta Teles da Paixão

Imagens
Pixabay, Freepik e Pexels

Melo, Luiz José Azevedo Pereira de.

M528c Contos que a vida conta. / Luiz José Azevedo Pereira de Melo.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2022.

172p.:il.

ISBN: 978-65-88562-95-6

1. Literatura Sergipana - Contos

2. Contos

I - Título

CDU:821.134.3(813.7)-34

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • artner.com.br

LUIZ JOSÉ AZEVEDO PEREIRA DE MELO

Contos

QUE A VIDA CONTA

Aracaju-SE



2022



As estórias e histórias neste livro são fictícias.
Qualquer semelhança, acontecidos com pessoas vivas ou
mortas e casos aqui descritos, no presente ou no passado,
são meras coincidências.



DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado à memória dos meus pais, Luiz Pereira de Melo e à Maria das Graças Azevedo Melo que, juntos, ensinaram-me os fundamentos do amor ao próximo, da honestidade e da dignidade, que norteiam a minha vida.

À minha esposa, Berenice Andrade de Melo, companheira de jornada, há 52 anos de convivência, de amor e de compreensão.

Aos meus filhos: Luiz Pereira de Melo Neto, casado com Débora Góis de Melo e à sua filha, Maria Luíza; Fernando José Andrade de Melo, casado com Daniela Góis de Melo, e suas filhas, Denise e Fernanda; Aliete Maria Andrade de Melo Mendonça, casada com José Alberto Nascimento Mendonça e seus filhos, Maria Júlia e Luiz Alberto; Cristina Maria Andrade de Melo e seu filho, Ivis Melo Filho.

À memória de tia, Maria de Lourdes Pereira de Melo, uma santa, que viveu na terra 99 anos e 350 dias.

À memória do meu irmão, Paulo Tarcísio Azevedo Melo, o benjamim do clã que, tão cedo, partiu dessa vida.

Ao meu irmão, Ernesto Anizio Azevedo Melo que, como eu, também recebeu de nossos pais e professora os fundamentos de honestidade, dignidade e amor ao próximo.

Um pensador disse, uma vez, que o homem para marcar sua presença, na terra, serão necessárias três coisas: plantar uma árvore, deixar um filho e escrever um livro.

ÁRVORE, já plantei centenas: coqueiros, cajueiros, mangueiras, jaqueiras, laranjeiras, limoeiros etc...

FILHO, deixo quatro: Luiz Neto, Fernando José, Aliete Maria e Cristina Maria.

LIVRO, escrevi dois: *Indústria Nacional*, uma pequena peça, de cunho político, que foi encenada pelo grupo teatral da União Estadual dos Estudantes de Sergipe e apresentada em várias cidades do Estado de Sergipe, nos idos de 1962 e de 1963, fazendo até parte do conjunto de peças encenadas pelo Centro Popular de Cultura na UNE, União Nacional dos Estudantes, estando, agora, na segunda edição. E, agora, no lançamento de *Contos que a Vida Conta*, histórias e histórias do cotidiano, contadas pelos membros do Senado do Calçadão, na rua de João Pessoa, mediante a batuta do “senador” Eduardo Porto.

Estas histórias e histórias passaram para o livro *Contos que a Vida Conta*, como uma forma de as gerações futuras delas tomarem conhecimento e não caírem no esquecimento, provocado pelo tempo.

PREFÁCIO

“Um dia sem risada é um dia desperdiçado.”

Charles Chaplin

Foi com alegria e com honra excelsa que recebi o convite para prefaciar o livro *Contos que a Vida Conta*, do egrégio paciente, o bacharel em Direito, Luiz José Azevedo Pereira de Melo. Natural da cidade ribeirinha, Neópolis, apesar de breve incursão política, tendo ocupado, interinamente, a Prefeitura de Aracaju, na década de 70, tem se dedicado, com perspicácia e retidão, à função de Procurador do Estado de Sergipe, desde 1970. Autor do opúsculo *Indústria Nacional*, peça teatral que retratava, com vivacidade e inteligência, o cenário político do início dos anos 60 e que fora encenada, na época, por integrantes da União Estadual dos Estudantes de Sergipe.

O ensaio literário de Pereira de Melo é resultante da compilação de narrativas tanto de acontecimentos reais como ficcionais, relativas ao cotidiano, que foram contadas no enclave do Calçadão da rua João Pessoa, em Aracaju, popularmente conhecido como “Senadinho”. Trata-se do ponto de encontro de integrantes da velha guarda da comunidade sergipana, onde eram discutidos os mais variados assuntos, ilustrados, muitas vezes, pelos dotes de polêmica, humorismo e irreverência dos interlocutores.

Parte das histórias e estórias ali relatadas poderiam cair no esquecimento não fosse o determinismo do escritor, Luiz José, que,

aproveitando os entediantes anos de reclusão impostos pela pandemia da Covid-19, materializou, no presente manuscrito, alguns daqueles pitorescos contos. A maioria dos acontecimentos, redigidos em linguagem escorreita e agradável se passaram na cidade de Araticum, de localização e existência imprecisas, envolvendo personagens de diversas profissões:

[...] A esposa do Dr. Ranulfo, D. Sônia, já sabia que, às sextas-feiras, ao sair da clínica, o esposo se reunia com colegas para um jantar, só chegando a casa, às 22 horas. Só que o jantar, que justificava à esposa, era fictício. Na verdade, ia em companhia de Luciana para o motel. E a esposa, com 20 anos de casada, dava a entender que acreditava, a fim de não sacudir, pela janela, vinte anos de bom convívio matrimonial [...].

[...] Cônego Filomeno, de quem essas menininhas são filhas? E o Padre, sem querer mentir ao seu superior, foi logo afirmando: Dom Tomé, essas meninas são sobrinhas de meu irmão.

[...] Quem sou eu, Dr. Juiz, para ser *Mon Cheval*, sou um homem pobre do interior, sem pais ricos, nascido em família sem importância. Essas palavras ficam bem para o seu pai e a senhora sua mãe.

O universo e os personagens fictícios abrigados em *Contos que a Vida Conta* nos transportam, o leitor, para um mundo fluido e etéreo, cujos acontecimentos muito se assemelham aos que ocorrem na vida real de muitas cidades interioranas do nordeste brasileiro.

O saldo de uma Pandemia desta magnitude, que ainda insiste em não nos deixar em definitivo, pende, nitidamente, para o lado negativo. O estrago na economia foi grande, muitas vidas preciosas foram ceifadas e muitos dos que conseguiram sobre-

viver ao ataque impiedoso do vírus, continuam apresentando sintomas desagradáveis durante vários meses após a infecção aguda. Todavia, a referida Peste possibilitou que Luiz José nos brindasse com este divertido cartapácio.

Finalizo desejando uma descontraída leitura com boas risadas!

Antônio Carlos Sobral Sousa

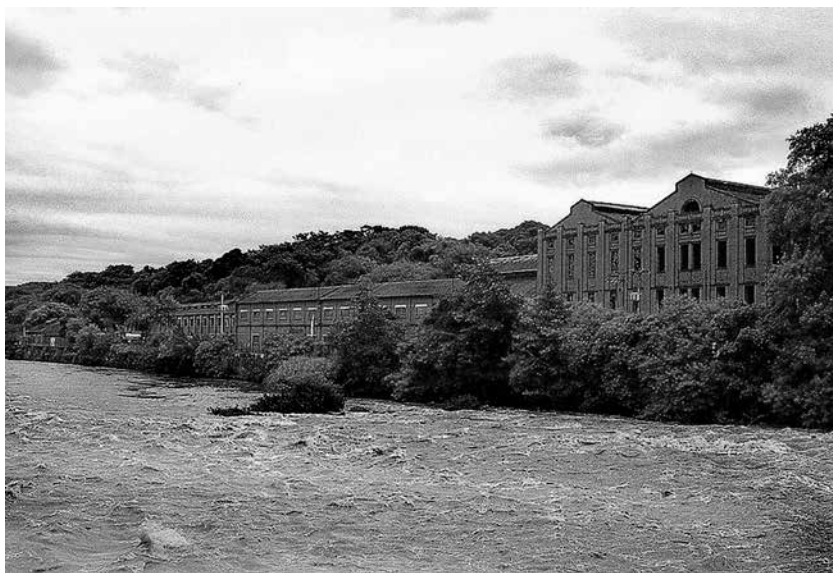
Membro das Academias Sergipanas de Medicina, de Letras e de Educação, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES). Professor Titular do Departamento de Medicina e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenador do Serviço de Cardiologia do Hospital São Lucas / Rede D'Or São Luiz de Aracaju/Sergipe.



SUMÁRIO

JOSÉ DA CANDEIA	15
O SEQUESTRO	18
<i>MON CHEVAL</i>	20
O SAPATO ENCANTADO	23
O PAI DO VENTO	26
GABRIEL	29
DAROÇA	32
A PROTESTANTE	34
A PASTORAL	39
CÔNEGO FILOMENO	42
ARACATI	45
A AGENDA DO ARQUIBALDO	48
COMANDANTE SILVA	50
DR. LOURENÇO	53
O PRESENTE	55
JOÃO DE LORENA	58
O LEÃO	60
AMBRÓSIO	62
SILÊNIO	64
D. SILVANA	67
CHEFE SILVA	69
GERSON	71
O PEDIDO	74
ALBERTO LÚCIO	77
O POMBAL	79
IRMÃOS FONTINELLI	81
DR. GRAÇA PIRES	83
PORTELA	85
DR. CARVALHO	87
NILTON DE REGINA	89

VICE-CAMPEÃO	91
MAURÍLIO	93
CARLINHOS	95
TRINCOU-MORREU	97
O PAVÃO CHIQUINHO	99
A PESCARIA	101
DR. BERNARDO	103
LAURO PALLOTI	105
PROFESSOR XAVIER	107
MARLÊNIO	109
JADIEL	111
ZECA SILVEIRA	114
DR. LAUREANO GUSMÃO	116
A TRAGÉDIA QUE VIROU COMÉDIA	118
<i>YELLOW BOY</i>	120
BODAS DE SANGUE	122
DR. RAUL	125
EMERENTINA	127
BOA NOITE	130
ANIBAL	133
PEDRINHO	135
<i>A MISS</i>	138
O CHAPÉU	140
MARCELA	143
VÍTOR	145
JOSINO PESSOA	147
O PROCURADOR	149
O SEMITA	152
O CASAMENTO	154
ZÉ VERMELHO	157
O CHINA	160
ANASTÁCIO	163
ADRIANO	166
O ANJINHO	169



JOSÉ DA CANDEIA

José Gomes Sobral era proprietário do Engenho Candeia. E como era costume anexar ao nome dos senhores de engenho o sobrenome do imóvel rural, somente era conhecido por José da Candeia.

Era uma pessoa abastada, possuidora de uma situação econômico-financeira bem estável. Embora fosse bastante rico, era um tipo simpático e bastante popular. Todos gostavam dele. Somente tinha um grave defeito, que era mentir demais. A mentira nele residia. Já era um vício contar potocas. Mentia mais que o Pantaleão, personagem de Chico Anísio. Era uma verdadeira doença. Nas mínimas coisas, deixava ele de contar a verdade, para passar ao reino da fantasia.

Certa feita, foi com a esposa, D. Carminha, à Argentina, em viagem de turismo. Quando regressou, contava aos amigos que a vida lá era baratíssima. Frutas nem se falava, era quase de graça. A esposa, na Argentina, face a um preço tão baixo de uvas, não se alimentava de outra coisa. Como adorava uvas, chupava uva pela manhã, no almoço e no jantar. Só que depois de três dias, houve um pequeno problema, pois quando ela ia ao *WC* fazer xixi, só urinava vinho. Se ia evacuar, só saíam passas.

Dessa mesma viagem, ele cansava de repetir que estava empolgado com a tecnologia britânica, principalmente com a indústria naval. Pois o passeio foi realizado num enorme transatlântico inglês, com dimensões gigantescas, que o cozinheiro quando ia preparar as refeições descia de submarino na panela.

E, assim, continuava o José da Candeia em suas constantes e costumeiras mentiras. Ao receber, no Engenho Candeia, seus amigos, que foram apresentar cumprimentos pelo seu aniversário, disse não ter dormido direito à noite anterior, com o barulho da barba crescendo.

Sobre caçadas, tinha ele verdadeira antologia de mentiras. Afirmava ter encontrado uma onça pintada nas matas da Candeia e, como não queria que o couro sofresse dano com tiro de espingarda, resolveu carregá-la com um prego que, ao ser lançado, prendeu o rabo da onça na árvore e, utilizando um cacete, começou a bater no felino, até que ele foi embora, deixando o belo couro intacto.

Achando pouco, disse que, durante outra caçada, passou a ouvir um som que transmitia de maneira rítmica melodiosa, com acompanhamento de instrumentos musicais “é com esse que eu vou”. Ficou logo ouriçado, doido para capturar a ave tão canora. Nunca tinha ouvido tão belo som emitido por um pássaro. Depois de várias horas de procura, encontrou um pedaço de disco no chão que, quando o vento balançava um galho de goiabeira,

tocava uma parte da música “é com esse que eu vou, sambar até cair no chão...” sucesso que foi, nos idos de 1950.

Como se não bastasse, de uma certa feita, em conversa com um engenheiro agrônomo do Instituto de Álcool e Açúcar, disse ter recebido de um amigo paulista quatro mudas de cana-de-açúcar gigantes. Duas delas plantou próximo à casa de engenho. As outras duas procurou um local bem adubado, vizinho ao curral, onde as plantou. As próximas da casa criaram um problema. Pois tendo plantado pela manhã, à tardinha, já estavam com dois metros de altura e, querendo aproveitar a brisa do fim de tarde, resolveu nelas armar uma rede. Resultado, pegou no sono e, à noite, para sair, foi necessário o capataz do engenho trazer uma escada alta, para poder descer. Quanto as outras duas plantadas no curral, ficou preocupado, pois não crescia. Ficou chateado, face de ter afirmado serem elas também gigantes. Até agora, nada. As duas falharam. A sorte, dizia ele, é que as outras duas cresceram para o povo ver que, de fato, eram gigantes. Passados quase oito meses, declarou ter recebido do Príncipe Hirohito, Imperador do Japão, um telegrama reclamando que as raízes das canas tinham rebentado numa importante rua de Tóquio.